

**ELYSIO DE CARVALHO:  
UM INTELECTUAL CONTROVERSO E CONTROVERTIDO**

Lená Medeiros de Menezes

Jornalista, poeta, historiador, técnico de identificação e professor, Elysio de Carvalho foi, durante algum tempo de sua vida, anarquista de destaque, tendo participado da criação da Universidade Popular em 1904. Renegando seu passado anarquista, transformou-se em um dos representantes do pensamento conservador no Brasil. Arauto da primazia da ordem sobre o progresso, seguidor das teses lombrosianas em suas análises sobre o crime, foi, nos últimos tempos de vida, nacionalista de destaque, mais uma vez antenado com as correntes de pensamento que corriam o mundo.

Controverso e controvertido, mereceu aplausos e críticas, louvores e ressentimentos, reconhecimento e silenciamentos. Para ex-companheiros de ideologia e/ou militância, como Fábio Luz, por exemplo, sua “falta de consistência ideológica” tornavam-no um “ser complicado”, donde podemos inferir que pouco digno de confiança.

Nascido em Alagoas, no ano de 1880, Elysio de Carvalho teve uma vida relativamente curta e tão controversa quanto controverso foi seu pensamento, o que se reflete objetivamente nas biografias sobre ele escritas. Tendo freqüentado o Seminário de Olinda entre 1893 e 1896, segundo alguns, teria abandonado-o em prol de estudos laicos no Liceu Alagoano. Consta que ele teria se matriculado na Faculdade de Direito do Recife no ano de 1887. Seus biógrafos, entretanto, não encontraram provas de sua passagem pela

referida instituição. A mesma falta de informações objetivas cerca o ano de 1888, quando ele teria embarcado para o Rio de Janeiro, com vistas a continuar estudos médicos que teriam sido iniciados na cidade de Recife; informação que, como a anterior, nunca pode ser comprovada.

Aquilo que se encontra devidamente documentado são suas atividades como jornalista, em Alagoas e no Rio de Janeiro, tendo colaborado, desde 1893, em vários periódicos editados em Penedo, sua cidade natal. Foi a carreira de jornalista e escritor que ele veio a consolidar na capital republicana, a partir de 1899. Artigos de sua autoria, a partir de então foram publicados em revistas e jornais de tendências variadas, destacando-se: ‘Semana Ilustrada’, ‘A Tarde’, ‘Revista Acadêmica’, ‘Jornal do Povo’, ‘O Trabalhador’, ‘Renascença’, ‘Almanaque Brasileiro Garnier’, ‘A Ilustração Brasileira’, ‘O Imparcial’ e ‘Gazeta de Notícias’.

Entre os anos de 1899 e 1905, Elysio de Carvalho dirigiu vários periódicos, alguns de orientação anarquista, destacando-se como principais: ‘A Meridional’ (que circulou entre fevereiro e abril de 1900), ‘Revista Naturalista Franco-Brasileira’ (abril e agosto de 1901), ‘A Greve’ (maio de 1903), ‘Kultur’ (revista mensal que circulou em março, abril, maio, setembro e outubro de 1904), ‘Revista Nacional’ (1919) e ‘América Brasileira’ (janeiro de 1922 a dezembro de 1924).

Intelectual de olhos postos no mundo, publicou alguns trabalhos em revistas internacionais, editadas em países como Argentina, Uruguai, Chile, Espanha e França. Em Buenos Aires, teve artigos publicados em ‘*Libre Examen*’ (1904), ‘*Almanaque de la Questión Social*’ (1904) e ‘*La Protesta*’ (1904-1905). Em Santiago do Chile, colaborou com

a *'Revista Nueva'* (1901). Em Montevideo, publicou em *'Nuevo Rumo'*, *'La Rebelión'* e *'Futuro'* (1904-1905). Com relação à Europa, seus artigos foram publicados em Barcelona, Madrid e Paris, destacando-se a revista *'Natura'* de Barcelona (1904), o *'El Rebelde'* de Madrid (1904) e *'La Régénération Humaine'* de Paris (1904).

Autor de produção significativa e variada, Elysio de Carvalho cumpriu etapas mais ou menos definidas em sua vida, consonantes com a própria evolução de seu pensamento e determinados aspectos circunstanciais que o cercaram. Entre 1893 e 1905, seu pensamento esteve profundamente influenciado pelo anarquismo individualista de Max Stirner, sendo ele apontado como o principal defensor de suas idéias no Brasil. Como militante anarquista, ministrou palestras, publicou periódicos e criou, com Fábio Luz, a Universidade Popular no Rio de Janeiro, quando corria o ano de 1904, tendo nela ministrado algumas conferências, amplamente difundidas pela imprensa libertária..

Sua 'fase' anarquista, porém, teve fim abrupto e, 'surpreendentemente', passou a usar seus conhecimentos e sua energia em prol da instituição policial, a mesma que representava o braço do Estado sobre os anarquistas. Em 1904, mesmo ano da criação da Universidade Popular, publicou *'As ruínas de Icaria'*, onde já tecia considerações acerca da decadência do anarquismo. Em 1909, no livro *'Five o'Clock'*, finalmente, anunciou, explicitamente, sua renúncia às idéias anarquistas.

A partir de então, fez carreira no serviço público, ingressando em espaços de poder que representavam a antítese de tudo aquilo que seus ex-companheiros de militância, dentre eles, a polícia do Rio de Janeiro, cujo chefe tinha *status* de secretário, subordinando-se, diretamente, ao Ministério da Justiça.

Esta atitude valeu-lhe críticas severas por parte do anarquismo internacional, demonstrando o papel de destaque que Elysio de Carvalho havia tido no seio do movimento libertário. Para articulista do *'Bulletin de International Anarchiste'*, ele seria aquele “camarada” que fazia grande barulho, mas que, na prática, mostrava toda a sua incoerência, tendo em vista que, após um passado anarquista, acabara por transformar-se no Subchefe da Repartição da Identificação Brasileira, atitude que, segundo ele, era digna do repúdio dos libertários em todo o mundo.<sup>1</sup>

Intelectual internacionalmente conhecido e antenado com o mundo, Elysio de Carvalho veio a destacar-se na plêiade daqueles que, no Brasil, pensaram e teorizaram a modernidade republicana na ótica do crime, sendo, com certeza, nesse campo do saber, o de produção mais diversificada. Técnico da Repartição de Identificação, foi fundador da Escola de Polícia do Rio de Janeiro, tendo sido seu professor e diretor, reunindo experiências que transplantou, posteriormente, para os livros. Possivelmente, por inspiração de suas origens anarquistas, foi o mentor e o mais intenso colaborador da *'Biblioteca do Boletim Policial'*. Publicado entre 1912 e 1915, o boletim tinha fins doutrinários e tornou-se o principal instrumento em defesa da estruturação de uma polícia científica no Brasil, capaz de encaminhar a luta técnica contra o crime que os tempos pareciam exigir.

Várias das obras escritas por Carvalho integravam a *'Biblioteca do Boletim Policial'*, versando sobre técnicas de identificação, estatística criminal, tipificação de crimes, criminosos e análises de laudos periciais. Ao todo, foram treze (13) os trabalhos publicados entre 1912 e 1915, alguns deles originalmente escritos em francês, o que demonstra que ele permanecia um intelectual do mundo.

---

<sup>1</sup> Cf. Marcel Vereme. *Bulletin de International Anarchiste*, 1908.

O espectro dos assuntos abordados mostra-se impressionante, ao abranger tanto trabalhos técnicos bem objetivos quanto formulações teóricas bem elaboradas. Os títulos de suas obras, concentradas, principalmente, no ano de 1912, datando, portanto, do início da circulação do boletim. Elas nos dão uma dimensão exata da amplitude de suas intervenções: ‘A função da fotografia nos inquéritos judiciais’, ‘Estatística Criminal’, ‘A identificação como fundamento da vida jurídica’, ‘A falsificação dos nossos valores circulantes’, ‘*La policie scientifique au Brésil*’ e ‘Guia dos gatunos cariocas’.

Ao longo de 1913 e 1914, mais sete artigos vieram a ser publicados. A saber: ‘O professor R.A Reiss no Brasil’ e ‘A reforma dos Institutos de Policia de Portugal’ (1913), ‘Alphonse Bertillon’, ‘*La organisation et le fonctionnement du service d` identification a Rio de Janeiro*’, ‘*Criminalistique*’, ‘O laudo da perícia gráfica do caso da rua Januzzi’ e ‘A luta técnica contra o crime’ (1914).<sup>2</sup>

Em cada um desses trabalhos, Elysio de Carvalho procurou sensibilizar as autoridades governamentais e a corporação policial sobre a necessidade da criação de uma polícia técnica no Brasil, comparando, permanentemente, as realidades brasileira e européia, sob um ponto de vista eminentemente eurocêntrico, pautado em postulados evolucionistas, não imunes às análises racistas que corriam o mundo.

Na obra intitulada ‘A luta técnica contra o crime’, publicada no ano de 1914, o *locus* privilegiado de suas análise é a cidade do Rio de Janeiro, e o objeto da discussão é a propriedade ou não da atribuição do estatuto de civilização reivindicado para a cidade. Sob o ponto de vista criminal, o autor encaminha a teoria de que o Rio de Janeiro não podia ser

---

<sup>2</sup> Respectivamente, Biblioteca do Boletim Policial II, III, IV, VII, VIII, XII, XIV, XVII, XXVI, XXVII, XXVIII, XXIX e XXXII.

considerada uma cidade civilizada caso fosse comparada a cidades do Velho Mundo.<sup>3</sup> Essa abordagem da questão, de alguma forma, comprovava a pertinência da acusação, feita por Fábio Luz, de que Elysio de Carvalho era um indivíduo que não pertencia aos círculos brasileiros, mas ao movimento intelectual internacional, sempre de olhos postos na Europa.

A análise que o autor fazia com relação à realidade vivida pela cidade refletia a aplicação, na capital brasileira, dos modelos evolucionistas tão em voga, com desvios nitidamente racistas. Com base em Sighele e Ferri, discípulos de Lombroso, ele assim caracterizava o início do século na capital brasileira, colocando o crime no centro de suas análises sobre a temporalidade vivida:

O grande problema de nosso tempo não é Deus nem a natureza - é o crime: Há mais de um século que filósofos, sociólogos, criminalistas, psiquiatras e romancistas e legisladores e estadistas, têm procurado conhecer as causas da criminalidade e analisar a alma dos criminosos para melhor combater todas as manifestações anti-sociais (...) Sem dúvida, neste momento histórico por que passamos, todo o trabalho de orientação é dever patriótico que a todos incumbe e a que ninguém pode furtar-se.<sup>4</sup>

Colocado o crime no centro da vida social, o autor conclamava a sociedade a desenvolver uma verdadeira 'cruzada' contra o fenômeno. Segundo a mais tradicional análise lombrosiana, determinados atavismos norteavam sua análise, entendidos como os principais entraves ao processo civilizatório:

A despeito dos progressos realizados, a sociedade encerra em seu seio um elemento de barbária que, por ser vergonha e perigo, ela não sabe, não pode ou não ousa eliminar. À medida que os crimes de sangue, nos países de cultura e civilização superiores, diminuem ou

---

<sup>3</sup> Cf. *Almanaque 'Garnier'*, ano de 1907.

<sup>4</sup> Elysio de Carvalho. *A luta técnica contra o crime*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1914. p. 6. (Biblioteca do Boletim Policial, XXXII).

permanecem estacionários, os delitos contra a propriedade, principalmente nas espécies múltiplas do furto indireto, tornam-se cada vez mais numerosos, em confronto com os delitos contra a pessoa, notando-se que a criminalidade geral vai substituindo os modos rudes, musculares, impulsivos da violência pelas formas intelectuais, requintadas, modernas da astúcia ou fraude.<sup>5</sup>

A partir da realidade européia - tomada como modelo do sentido positivo do caminhar do progresso – o uso da astúcia no lugar da violência aparecia teorizado como sintoma de modernidade. As perplexidades demonstradas com relação à realidade observada na capital brasileira levavam-no a concluir que o processo vivido pela cidade mostrava uma defazagem profunda com relação aos padrões civilizados. Admitindo o fato da criminalidade na cidade do Rio de Janeiro ser “gravíssima”, ele colocava em relevo o caráter de violência que a assolava. Esse fato, segundo ele, negava frontalmente a tese da cidade como um espaço civilizado, já que a lei do progresso no tocante ao crime não se verificava quando eram analisadas as estatísticas criminais:

A criminalidade carioca é gravíssima: aqui todas as formas de delinqüência aumentam consideravelmente (...) Nestes seis últimos anos, de 1907 a 1913, foram praticados no Rio 17 702 crimes, tendo por autores, provados e conhecidos 18 359 indivíduos. Ora, enquanto se acometeram no período mencionado 3 186 delitos contra a propriedade, verificaram-se 11 550 contra a pessoa, o que é deveras de aterrorizar os mais destemidos (...) Aqui observa-se a inversão da lei que preside o desenvolvimento a criminalidade nos países de civilização superior, a qual, segundo ela, se transforma de violenta em fraudulenta e, sendo assim, não sei como conciliar este fato com a afirmação dos cronistas elegantes de que o Rio se civiliza.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Id. Ibidem.

<sup>6</sup> Id. Ibidem. p.14.

Ao colocar em dúvida o processo civilizatório vivido pelo Rio de Janeiro, o autor justificava a ocorrência dos “desvios” existentes, através da tese da “degradação”. Esta, segundo ele, era o resultado de determinadas misturas étnicas, recordando, em muito, as análises de Gobineau, Vacher de Lapouge ou Chamberlain acerca do tema:

Ao nosso orgulho nativo, ao nosso sensualismo mórbido (...) e a essa vadiagem de fraque insolente e debochada (...), e mais a situação política do país, a densidade da população, a má qualidade das correntes imigratórias, provenientes de países como a Itália, Espanha e Portugal, que ocupam na Geografia geral dos homicídios os três primeiros lugares, ao alcoolismo e, finalmente, à fraqueza da repressão e à insuficiência da polícia devemos 90% do sangue derramado cada ano no Rio de Janeiro.<sup>7</sup>

Em uma análise que tinha por foco os bastidores cariocas, o controvertido e conceituado professor da Escola de Polícia demonstrava que a capital brasileira não podia ser considerada civilizada enquanto os crimes violentos não cedessem lugar à fraude, à inteligência e à audácia. Este tinha sido, de acordo com seu ponto de vista, o caminho seguido pelos países de “civilização superior”, o que o transformava em uma das leis do progresso, aplicável às análises sobre a cidade. De acordo com o autor, o número de assassinatos cometidos, desmentia que o Rio de Janeiro tivesse alcançado o patamar de uma cidade civilizada, tal qual muitos proclamavam, já que o progresso no mundo do crime não se evidenciava como contraponto natural às mudanças materiais que eram tão aplaudidas como registro de civilidade.

Questões sociais não se faziam presentes em sua obra sobre o crime, apesar de seu passado anarquista. Por outro lado, suas análises acerca das questões políticas tinham um

---

<sup>7</sup> Id. Ibidem. p.15.

único vetor: a condenação da frouxidão na repressão. Segundo Carvalho, as causas responsáveis pelo sangue derramado “a cada dia” na capital brasileira eram a sensualidade de origem africana, a vadiagem crônica imperante na cidade, a má qualidade das correntes imigratórias e o alcoolismo, com todas as suas conseqüências no sentido da degenerência da espécie.

As relações entre pobreza e criminalidade apareciam analisadas unicamente pelo viés das explicações étnicas, nunca do econômico e do social. Baseado na tese de que o crime era uma doença congênita de determinados organismos sociais, o autor buscava as explicações para a permanência dos crimes violentos na cidade do Rio de Janeiro na emotividade e na frouxidão moral dos grupos que compunham os substratos mais pobres da população da cidade. Ou seja, ex-escravos e estrangeiros, que representavam o “lado mau” da imigração, uma mistura não só condenável quanto perigosa.

O texto De Carvalho consagrava o mesmo princípio seguido por governos conservadores e autoritários no tocante ao combate à chamada patologia social: a repressão; ou seja, a extirpação, pela força, dos males que ameaçavam a sociedade. Segundo esse princípio, o sentido curativo colocava-se à frente de soluções preventivas como a Educação, já defendidas pelos reformadores sociais.

A defesa da saúde social, neste contexto, tornava-se uma verdadeira ‘cruzada policial’, direcionada - com a apropriação de termos biológicos e funcionais - contra os ‘vírus’ corrosivos do ‘tecido social’. Em última instância, negros, mulatos e estrangeiros

pobres. Segundo tais enquadramentos mentais, a ciência legitimava o uso da força, respaldando a discriminação étnica e as exclusões política e social.<sup>8</sup>

Tomado o crime como referencial, civilizar a cidade do Rio de Janeiro significava assegurar a saúde social, conceituada como o “estado da ordem e harmonia”. Nesse sentido, significava encaminhar uma resposta repressiva à desordem que ameaçava a cidade-capital, com a constituição de um movimento operário que, da reivindicação, passava à contestação, e com o alastramento da vadiagem, da mendicância e das inúmeras formas de comportamentos desviantes.

Civilizar passou a significar, enfim, o aperfeiçoamento dos mecanismos de controle, com o desenvolvimento de um processo seletivo das correntes migratórias, através da eliminação dos elementos considerados ‘indesejáveis’, quer pela expulsão dos estrangeiros, quer pela deportação dos nacionais, a partir do pressuposto da existência de uma criminalidade intuitiva, que impossibilitava a recuperação dos criminosos.

Após sua passagem pelas instituições policiais, quando o crime centralizava suas preocupações, Elysio de Carvalho passou a dedicar-se a temas mais amplos, dedicando-se à teorização da sociedade e da nação brasileiras. Estas já haviam sido preocupações de livro precursor, publicado em 1911, com o título de ‘Esplendor e decadência da sociedade brasileira’.

Nessa nova fase, Elysio de Carvalho dialogou com os mais destacados intelectuais da época, que se dedicavam a discutir a nação, a nacionalidade e os nacionalismos que se

---

<sup>8</sup> Diga-se de passagem que o uso da força e da violência já se encontravam presentes nas teorizações do autor desde sua fase anarquista.

irradiavam pelo mundo.<sup>9</sup> Como pensador de uma geração que viveu as inquietudes e os desafios do pré e pós-guerra, mostrou-se um nacionalista convicto, postura afirmada no título de uma obra publicada em 1922: ‘Bastões da nacionalidade’, escrita dois anos antes de sua morte na Suíça. Corria, então, o ano de 1924 e Elysio de Carvalho tinha apenas 43 anos. Sua curta vida, entretanto, não o impediu de destacar-se como um dos intelectuais de mais ampla e variada produção sobre a realidade brasileira dos primeiros tempos republicanos.

---

<sup>9</sup> Nessa fase, deve ser dado destaque a sua participação no Almanaque Garnier, que reuniu intelectuais de renome, dedicados a pensar as primeiras décadas republicanas.